



MURILLO DE ARAGÃO

Por Murillo de Aragão

SEGUINDO

Brasil

Detalhe que elege presidente

A lição política que a história recente ensina

Por **Murillo de Aragão**

6 fev 2026, 06h00 • Atualizado em 6 fev 2026, 13h26



Lula apostou em Geraldo Alckmin: escolha que reforçou estabilidade e consolidou pacto com o centro (*Ricardo Stuckert/PR*)



A política costuma ser narrada como o reino das grandes decisões, dos pactos históricos e dos movimentos calculados. Mas, na prática, ela também é moldada por gestos miúdos, ritos respeitados — ou ignorados — e escolhas que parecem secundárias no momento em que são feitas. Poucos episódios ilustram isso tão bem quanto a eleição presidencial de 1989.

Leonel Brizola tinha uma estratégia clara: precisava de um vice mineiro para ampliar sua competitividade nacional. Por sugestão do então senador Maurício Corrêa, o nome de Itamar Franco foi escolhido. O acordo estava encaminhado. Faltava o gesto decisivo: o convite pessoal. Brizola deveria ir a Brasília para formalizá-lo, mas desistiu da viagem e tentou resolver tudo à distância, enviando um avião para buscar o senador. Itamar recusou. E foi direto ao ponto: se quisessem que ele fosse vice, que fossem à sua casa convidá-lo. Não foram.

O detalhe, aparentemente banal, teve consequências profundas. Fernando Collor, atento à importância de Minas Gerais, rapidamente se aproximou de Itamar e fez o convite nos termos esperados pela liturgia política. Itamar aceitou. Brizola, sem alternativa regional equivalente, compôs chapa com Fernando Lyra — nome

respeitado, mas incapaz de produzir o mesmo efeito eleitoral. O resultado é conhecido: Brizola perdeu, por margem mínima, a vaga no segundo turno para Lula. Collor, com um vice mineiro forte, ganhou densidade em um dos maiores colégios eleitorais do país e venceu a eleição.

**“No pleito de outubro, a
definição do vice será crucial
para quem disputar fora do
campo governista”**

A escolha do vice é decisão estratégica frequentemente subestimada. Um vice bem escolhido amplia a base eleitoral, trazendo credenciais que o cabeça de chapa não possui — penetração regional, legitimidade setorial, ou ponte com segmentos resistentes. José Alencar conferiu a Lula em 2002 o diálogo com o empresariado que sua biografia sindical não alcançava. Michel Temer trouxe a Dilma a capilaridade congressional do PMDB. Outros vices passaram despercebidos, sem marca positiva ou negativa.

SIGA

ENTRAR NO CANAL



Sabrina Sato comenta sobre sexo em Camarote da Sapucaí

Ex de Bolsonaro se posiciona sobre crise entre seus filhos e Michelle

A falta de respeito de Virginia durante desfile na Sapucaí

A lição permanece atual. Em 2022, [Bolsonaro](#) dispensou Hamilton Mourão, que mantinha alguma penetração entre eleitores moderados — justamente onde o presidente enfrentava maior resistência. Em eleição decidida por margem mínima, a troca custou caro. Do outro lado, Lula apostou em Geraldo Alckmin: escolha que reforçou estabilidade e consolidou pacto com o centro, embora com impacto eleitoral limitado.

O ponto decisivo está adiante. Na eleição de outubro, a definição do vice será crucial para quem disputar fora do campo governista. A história mostra que eleições não se perdem apenas por grandes erros. Às vezes, perdem-se por não ir à casa certa, no dia certo, fazer o convite certo.

**Publicado em VEJA de 6 de fevereiro de 2026,
[edição nº 2981](#)**